

## **ESCOLAS DO ENSINO FUNDAMENTAL ESTÃO DESENVOLVENDO PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL?**

*Schools of Basic Education are Developing  
Program of Sexual Orientation?*

*Luciana Roberta Donola Cardoso<sup>1</sup>  
Tathiana Fernandes Biscuola Figueiredo<sup>2</sup>  
Eliane Porto Di Nucci Pecorari<sup>3</sup>*

### **Resumo**

A orientação sexual é um processo de intervenção realizado por profissionais da área da saúde e educação, que tem por objetivo informar, esclarecer e ensinar aspectos voltados à sexualidade e à saúde reprodutiva. Estes esclarecimentos devem ser embasados em dados científicos e não na história de vida do educador (Arruda & Cavasin, 2001). Esta pesquisa teve como objetivo conhecer os temas e profissionais que desenvolvem programas de orientação sexual junto a adolescentes que freqüentam entre 5ª e 8ª série do ensino fundamental, em 14 escolas da rede pública e particular dos municípios de Franco da Rocha e Caieiras. A amostra constituiu-se por diretores e coordenadores pedagógicos, tendo a coleta de dados ocorrida no próprio contexto escolar, por meio de uma entrevista composta por questões dissertativas e de múltipla escolha, que visava explorar informações acerca dos dados de identificação do sujeito, tema e profissional que desenvolve o programa de orientação sexual. Os resultados mostraram que os temas mais explorados em ambas as escolas (públicas (60%) e particulares (74,8%)) foram sobre saúde sexual. Quanto aos profissionais que desenvolvem os programas de orientação sexual, 60% das escolas públicas e 50% das particulares, pertencem à área biológica. O fato de delegar o desenvolvimento do programa para um profissional da área biológica mostra ser uma limitação e reduz a eficácia dos programas de orientação sexual (Sayão, 1997).

**Palavras-chave:** Adolescentes; Programa de orientação sexual; Instituição escolar; Ensino fundamental.

---

<sup>1</sup> Psicóloga especialista em Terapia Comportamental, Centro Universitário Padre Anchieta. e-mail: lucidonola@uol.com.br

<sup>2</sup> Psicóloga e Pedagoga. Centro Universitário Padre Anchieta. São Paulo-SP. e-mail: tfernandes@uol.com.br

<sup>3</sup> Psicóloga Doutora em Educação pela Unicamp. Centro Universitário Padre Anchieta. São Paulo-SP. e-mail: portopecorari@uol.com.br

## Abstract

The sexual orientation is a process of intervention carried through for professionals of the area of the health and education, that has for objective to inform, to clarify and to teach to aspects directed to the sexuality and the reproductive health. These clarifications must be based in scientific data and not in the history of life of the educator (Arruda & Cavasin, 2001). The research target was know subjects and professionals whose develop Sexual orientation programs with teenagers from fifth to eight primary school grade in fourteen public and private school at Franco da Rocha and Caieiras. This sample was built per directors and pedagogic coordinators, inside the college context, by interview using objective questions and also multiple choice, in order to explorer all theme and professional information, whose develop the sexual orientation program. The results showed by both (particular (74,8 %) and public (60%)) school was from sexual health. How much to the professionals who develop the programs of sexual orientation, 60% of public schools and 50% of the particular ones, it belongs to the biological area. The fact to delegate the development of the program of profession the biological area sample to be a limitation and reduces the effectiveness of the programs of sexual orientation (Sayão, 1997).

**Keywords:** Teenagers; Sexual orientation program; Institution school; Primary school.

## Introdução

A orientação sexual é um processo de intervenção que visa favorecer a passagem da informação sobre temas ligados à sexualidade e à saúde reprodutiva, embasados em dados científicos. Por sua vez, a educação sexual está relacionada com o processo de aprendizagem sobre sexualidade adquirida de maneira informal e ao longo da vida do sujeito (Arruda & Cavasin, 2001).

A importância em desenvolver programas de orientação sexual cresce na medida em que se tem no Brasil, a partir da década de 80, um aumento de doenças sexualmente transmissíveis (DST), AIDS e da gravidez na adolescência. Esse crescimento no número de casos de adolescentes com DST/AIDS, segundo a Organização Mundial da Saúde, pode estar ligado à falta da informação e/ou a passagem inadequada dela.

O desenvolvimento de programas de orientação sexual nas escolas é um fator que contribui para que a temática seja ensinada de forma correta e adequada. O fato de a escola ser um ambiente social, de estar vinculada à passagem da informação fidedigna e científica e da sala de aula ser um ambiente discriminativo no qual se adquire conhecimento são as razões que tornam o ambiente escolar adequado para o desenvolvimento de programas de orientação sexual.

O conteúdo do programa deve focar as dimensões biológicas, psicológicas e socioculturais da sexualidade, de forma a ensinar sobre aparelho reprodutor, alterações corporais e o desenvolvimento da auto-estima.

O treino de habilidade social e de comunicação também deve ser incluído no desenvolvimento do programa, pois quanto maior o repertório verbal do adolescente, maior probabilidade dele emitir comportamentos assertivos, como, por exemplo, pedir para o parceiro usar preservativo (Boruchovitch, 2000).

Programas de orientação sexual visam planejamentos e avaliações prévias ao início do seu desenvolvimento, que devem ser realizadas pelo educador (que pode ser o professor, psicólogo ou coordenador pedagógico) junto ao público-alvo, visando cronograma, seleção dos temas, tempo de duração e a utilização de materiais didáticos específicos, para que o programa seja melhor direcionado (Egypcio, 2003). Dessa forma, a partir da necessidade do aluno, o educador deve fazer as adequações da informação, respeitando a fase de desenvolvimento em que o aluno se encontra, priorizando sanar suas dúvidas, a fim de favorecer o exercício prazeroso e responsável da sexualidade (Lima, 1999; Trindade & Bruns, 2003).

O educador deve transformar as regras, a auto-regra e o comportamento imitativo do adolescente em comportamento preventivo (França, 1991). Uma das características do educador é ter a capacidade de ouvir as queixas e as dúvidas dos alunos, antes de aplicar a intervenção.

Segundo Lima (1999), é importante que o profissional tenha um vínculo com os alunos, para que a informação seja mais eficiente e duradoura, tendo a finalidade de torná-los agentes multiplicadores, passando para outras pessoas as informações obtidas.

A passagem da responsabilidade da execução do programa de orientação sexual para o profissional que leciona a disciplina de ciências e/ou biologia, apenas pelo fato de que alguns temas são abordados dentro dessas disciplinas, é um dos fatores que prejudicam a efetividade do programa. Assim, nota-se um déficit na preparação dos profissionais e nas estratégias utilizadas para abordar o tema. A carência é expressa nas dificuldades do docente em lidar com as questões trazidas pelos alunos e deste modo o profissional apenas reproduz seu padrão de comportamento e seus próprios valores.

As reclamações e os questionamentos por parte dos diretores estão relacionados à falta de segurança dos orientadores em passar a informação ao aluno, o que faz com que dêem respostas prontas, sem esclarecer todas as dúvidas. Com isso, as escolas dificilmente desenvolvem atividades voltadas para orientação sexual (Reis & Schiavo, 1995). Deste modo, a falta de profissionais qualificados, inadequação dos programas de orientação sexual e dificuldade do educador em abordar os temas vão contra a implantação de programas de orientação sexual na escola (Castro & Silva, 1993; Reis & Schiavo, 1995; Schor; Ferreira; Pirotta; Machado; Tanaka, 1996; Sayão, 1997; Boruchovitch, 2000; Rossi; Bertazone; Ferreira; Ignácio, 2000; Costa 2000).

Cunha e Silva (2004) avaliaram o conhecimento sobre orientação sexual dos professores de educação infantil, no qual constataram que a idade média dos profissionais era aproximadamente de 20 anos. Destes profissionais, 93% não tinham capacitação em orientação sexual e 75% não tiveram o conteúdo na escola quando alunos, mostrando, assim, um despreparo e desconhecimento sobre os aspectos científicos das modificações do corpo e do desenvolvimento infantil.

Maslach, G e Kerr, G (1983) estudaram as principais necessidades do adolescente acerca da orientação sexual na escola, sugerindo que o programa seja realizado em grupo, com componentes do mesmo gênero, realizado por um profissional fora da escola, que se sinta confortável para falar do assunto. Os alunos trazem a necessidade de que nos programas os aspectos relacionados à sexualidade sejam debatidos e não só a prevenção.

Os temas trabalhados na orientação sexual irão depender da faixa etária, grau de escolaridade e nível socioeconômico do grupo (Dias & Gomes 1999). De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), são estruturados em três eixos:

*matriz da sexualidade (corpo), relações de gênero e doenças sexualmente transmissíveis.*

No tópico *matriz da sexualidade*, é explicado sobre reprodução, estimulação sexual, puberdade e saúde reprodutiva, mostram-se as noções do corpo como um todo, trabalha para construir os conceitos de auto-imagem, aborda as diferenças entre homens e mulheres, explica as experiências desde a gestação até o nascimento, engloba prevenção de DST/AIDS e gravidez e as ações dos métodos contraceptivos, visando à promoção da saúde. As *relações de gênero* dizem respeito ao conjunto de representações sociais e culturais, construído a partir das diferenças biológicas, aborda também as noções de masculino e feminino como construção social, trabalha temas vinculados ao preconceito, visando assertividade e respeito. No tópico *doenças sexualmente transmissíveis*, o enfoque é a prevenção e o preconceito com pessoas soropositivos. Trabalha a prevenção, vias de transmissão, histórico da doença e tratamentos atuais, fazendo a distinção entre portadores do vírus e doente de AIDS (Moreira; Bedran; Andrade & Bisaria, 1997).

Estes temas podem ser trabalhados apenas dentro do programa, com dia e hora preestabelecidos ou também, o que seria mais adequado, utilizar exemplos dentro das próprias disciplinas, estendendo o programa para a sala de aula.

Esta pesquisa teve como objetivo conhecer os temas abordados nos programas de orientação sexual e identificar os profissionais que desenvolvem os programas junto aos adolescentes nas escolas da rede públicas e particulares.

## Método

### Participantes:

A pesquisa foi realizada em 14 instituições escolares, dentre estas, públicas (N=9) e particulares (N=5), dos municípios de Franco da Rocha e de Caieiras. As escolas foram selecionadas aleatoriamente.

A amostra foi composta por coordenadores pedagógicos (80% nas escolas particulares e 56% nas escolas públicas), dentre eles, 80% dos participantes das escolas particulares e 56% das escolas públicas eram do sexo feminino. A idade dos profissionais em ambas as escolas (públicas e particulares) variou entre 24 e 68 anos.

Com relação à formação acadêmica, 86% dos participantes das escolas particulares eram formados na área de humanas (pedagogia e

psicologia) e 14% na área de exatas (matemática). Nas escolas públicas, 64% tinham formação na área de humanas (Pedagogia, História, Estudos Sociais, Geografia e Letras), 22% na área de exatas (Matemática) e 14% na área biológica (Ciências).

#### **Instrumento:**

Os dados foram coletados por meio de um roteiro de entrevista organizado em duas partes. A primeira parte composta por dados de identificação dos participantes e a segunda por questões relacionadas ao desenvolvimento do programa de orientação sexual, enfocando o profissional e o tema abordado. A entrevista era baseada em questões dissertativas (7) e de múltipla escolha (6).

#### **Procedimento:**

Inicialmente, foi realizado o primeiro contato com as escolas por telefone, explicando o objetivo da pesquisa e o público-alvo, foi marcado um horário com o diretor e/ou com o coordenador pedagógico para realização da entrevista.

A entrevista foi realizada individualmente com cada responsável da escola, sendo única e no próprio contexto escolar. Foi explicitado aos sujeitos o caráter sigiloso e assinado por ambas as partes o termo de consentimento.

### **Resultados e discussão**

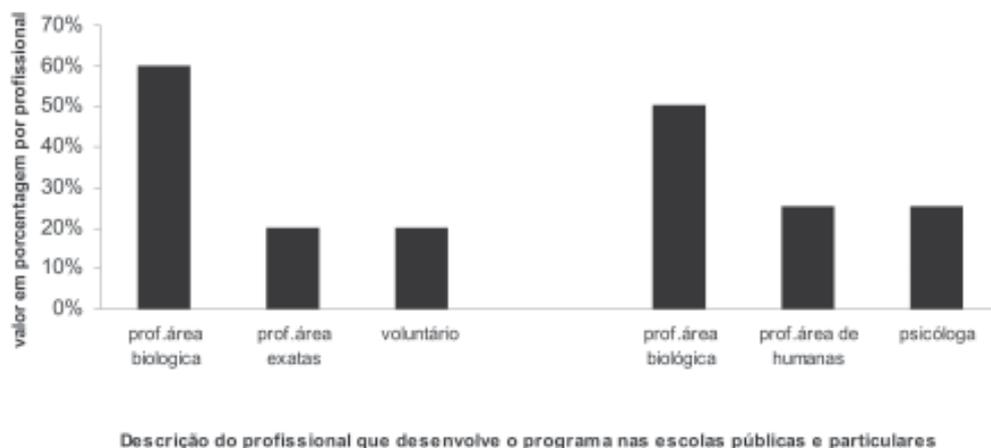
Os dados obtidos foram descritos e discutidos conforme a formulação da questão. Para

as questões dissertativas, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, com agrupamento e categorização de respostas de acordo com a proximidade do conteúdo. Para as questões de múltipla escolha, os dados foram tabulados quanto à frequência e à porcentagem de respostas.

Primeiramente, foram analisados os dados relativos ao fato de a escola possuir ou não programa de orientação sexual. Constatou-se que das escolas particulares, 60% não possuem programa de orientação sexual, logo, 40% possuem. Nas escolas públicas, constatou-se que 66,6% não possuem programa de orientação sexual e que 33,4% possuem. Os resultados obtidos estão de acordo com os dados levantados por Sayão (1997), onde mostra que apenas 10 a 30% das escolas possuem programa de orientação sexual. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) tratam a orientação sexual como um tema transversal, sugerindo a implementação em todas as escolas, o que não é visto nas escolas pesquisadas.

Em relação ao tipo de profissional que desenvolve o programa de orientação sexual junto aos alunos, foi constatado que nas escolas públicas, 60% dos professores são da área biológica, sendo eles pertencentes às cadeiras de ciências e biologia; 20%, professores da área de exatas (matemática); 20% profissional voluntário sem especificação da sua formação acadêmica. Nas escolas particulares, 50% dos professores são da área biológica; 25% professores da área de humanas (história) e 25% da área de Psicologia. Estes dados são mostrados na figura a seguir:

**Figura 1 - Porcentagem das respostas sobre a descrição da área de atuação dos profissionais que desenvolvem os programas nas escolas públicas e particulares**



Nenhuma das escolas particulares conta com parcerias para desenvolver o programa de orientação sexual, já nas públicas apenas uma escola (33,3%) conta com a parceria de uma enfermeira, cujo trabalho resulta em levar adolescentes grávidas para o posto de saúde onde são fornecidas palestras. Comparando os resultados das escolas públicas (60%) com os das particulares (50%), em relação aos profissionais que desenvolvem o programa junto com os adolescentes, tem-se em sua maior porcentagem professores da área Biológica. Analisando as respostas obtidas, a escola prioriza o professor de ciências e biologia para desenvolver o trabalho de orientação sexual, pelo fato de trabalhar o assunto dentro da disciplina, relatando não avaliar previamente suas habilidades para exercer função de orientador sexual.

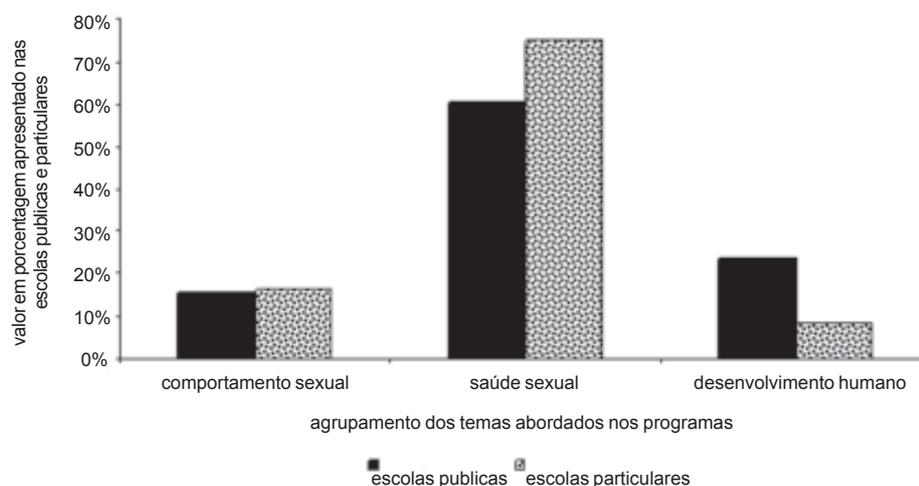
É visto na literatura que o orientador sexual pode ser qualquer profissional, desde que este seja preparado para orientar de forma clara e com embasamento científico, sanando a necessidade do aluno. Deste modo, não deve atribuir à responsabilidade para o professor de Ciências, apenas porque o assunto é tratado dentro da disciplina, pois este profissional muitas vezes é encarregado de um trabalho no qual não tem habilidade para dar o suporte necessário (Egypto, 2003).

A eficiência e os resultados do programa de orientação sexual dependem do orientador, pois são eles que desenvolvem o programa, com isso, informam e instruem os adolescentes. Este fator trouxe a necessidade de verificar a ocorrência de treinamento para este profissional nas escolas pesquisadas, verificando que nas escolas públicas apenas 33,3% fornecem treinamento para os profissionais e nenhuma

escola particular fornece este tipo de serviço ao profissional. O treinamento fornecido pelas escolas públicas tem duração de cinco horas e ocorre na diretoria de ensino de Caieiras. Este dado vai contra os modelos de orientação sexual, no qual propõem o treinamento para todos os profissionais que vão exercer esta função. A capacitação do corpo docente pode ser ministrada por um profissional especializado ou por discussões em grupos pelos próprios professores, podendo ser realizada por meio de reuniões contínuas dentro da própria instituição (Lopes; Nascimento & Rezende 1992).

Os temas abordados são os focos centrais do programa de orientação sexual (Egypto, 2003). Os dados obtidos nesta pesquisa quanto aos temas que as escolas abordam nos programas foram agrupados em: desenvolvimento humano, saúde sexual e comportamento sexual. Nas escolas públicas, 23,7% abordam temas relativos ao desenvolvimento humano (atração homo, hetero e bissexual; puberdade; anatomia e fisiologia do corpo), 60,5% à saúde sexual (paternidade e maternidade; parto; gravidez; aborto; métodos contraceptivos; DST/AIDS; higiene e prática do comportamento sexual seguro), e 15,8% sobre comportamento sexual (masturbação e pornografia). Nas escolas particulares, 8,4% abordam temas relativos ao desenvolvimento humano (atração homo, hetero e bissexual), 74,8% sobre saúde sexual (parto; gravidez; aborto; DST/AIDS e métodos contraceptivos) e 16,8% sobre comportamento sexual (sexualidade ao longo de seu desenvolvimento e comportamento social). Estes dados são visualizados na Figura 2:

**Figura 2 - Agrupamento dos temas abordados nos programas de orientação sexual nas escolas públicas e particulares**

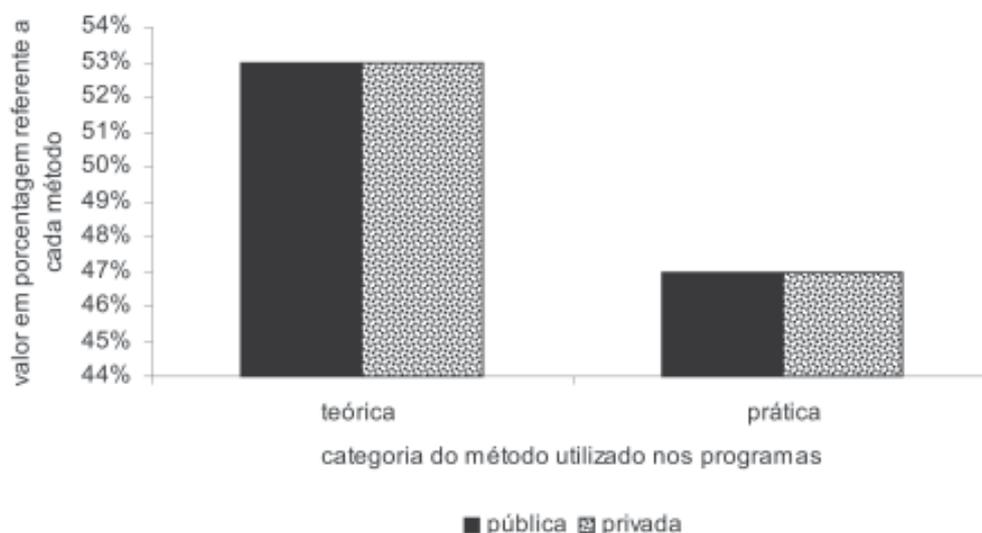


Os temas trabalhados nos programas se mostram aquém dos propostos pela literatura, pois visam apenas informar o adolescente sobre aspectos da sexualidade, mas não os treinam a emitir comportamentos assertivos.

Os métodos utilizados pelos profissionais para trabalhar os temas com os adolescentes foram agrupados em atividades práticas (utilização do *kit* da

sexualidade, construção de cartazes, dinâmicas e de grupo, pesquisa em jornais, internet) e atividades teóricas (livros e vídeos educativos, aulas expositivas e palestra conferida por profissionais). Tanto as escolas públicas como as particulares apresentaram os mesmos métodos, utilizando materiais semelhantes no desenvolvimento do programa. Os valores em porcentagem são visualizados na figura 3 abaixo:

**Figura 3 - Porcentagem das respostas apresentadas pelos profissionais das escolas públicas e particulares quanto aos temas abordados no programa de orientação sexual e o método utilizado para desenvolver esta prática junto aos alunos do ensino fundamental**



Os métodos utilizados estão voltados a aspectos teóricos, isso confirma a característica informativa apresentado nos programas. O caráter informativo não visa treinar os adolescentes para que possam efetivamente responder a possíveis problemas, não ampliando o repertório comportamental deles.

Deste modo, conclui-se que os temas abordados referem-se basicamente aos métodos contraceptivos e conceituação biológica. Os programas não visam ensinar os adolescentes a desenvolverem competências, ampliar habilidades de resolução de problema e trabalhar assertividade. Esses resultados indicam que os programas de orientação sexual são remediativos e não preventivos.

Com relação aos profissionais, mostra-se uma ausência de metodologia e falta de treinamento para a execução dos programas de orientação sexual.

Sugere-se que sejam desenvolvidas mais pesquisas voltadas tanto para avaliação de programas, quanto para o desenvolvimento deles, enfocando um controle metodológico na avaliação dos resultados.

## Referências

- Arruda, S., Cavasin, S. (2001). Sexo, sexualidade e educação sexual. **Boletim trans legal para educadores/as**, 1 (8), agosto. São Paulo: ECOS.
- Boruchovitch, E. (2000). A sexualidade na adolescência - Considerações para uma educação sexual mais efetiva. In F. F. Sisti, G. C. Olivera, L. D. T. Fini (Org.). **Leituras de psicologia para formação de professores**. Petrópolis: Vozes.
- Brasil, Ministério da Educação, Parâmetros Curriculares Nacionais. (2000). **Pluralidade cultural: Orientação sexual**. (Vol 10). Brasília: DP & D, Ministério da educação.
- Castro, & Silva, R. (1993). A educação sexual nas turmas de quinta a oitava série do primeiro grau. In Almeida, et al. **Educação sexual: Novas idéias, novas conquistas** Rio de Janeiro: Rosa dos tempos.

- Costa, J. S. C. (2000). Educação inclusiva e orientação sexual: da para combinar. **Psicologia: Ciência e profissão**, 20,1, 50-57.
- Cunha, M. C. A., Silva, M. C. A. (2004). Atualização de professores de educação infantil na área da sexualidade: um processo de formação e reflexão. **Revista de terapia sexual clínica- aspectos psicossociais**, 1(7), 119-120.
- Dias, A. C. G., Gomes, W. B. (1999). Conversa sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. **Estudo de Psicologia Porto Alegre**, 4(1), 79-106.
- Egypto, C. A. (Org.). (2003). **Orientação sexual na escola: Um projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez.
- França, F. M. (1991). Sexualidade na adolescência e a mídia. **Revista Brasileira de sexualidade Humana**, 2(2), 196-201.
- Lima, M. S. S. (1999). Gravidez em adolescentes: o papel da escola pública. **Revista da Faculdade de Psicologia da PUC- SP**, 9, 49-59.
- Lopes, G. P., Nascimento, L. G., Rezende, W. C. (1992). Os profissionais da saúde e educação sexual. **Revista Brasileira de sexualidade Humana**, 3(1), 23-26.
- Maslach, G., & Kerr, G. (1983) Tailoring sex-education programs to adolescents. A strategy for the primary prevention of unwanted adolescent pregnancies. **Adolescence**, 18(70), 449-456
- Moreira, M. I. C., Bedran, P. M., Andrade, H. T., & Bisaria, A. F. (1997). A gravidez na adolescência nas classes populares: projeto e prática de atendimento em saúde e educação. **Psicologia e Sociedade**, 9, 113-123.
- Reis, S., & Schiavo, M. R. (1995). Os programas da TV e a formação sexual das crianças: sobram TVs e faltam pais. **Scientia sexualis: Revista do mestrado em sexologia, Universidade Gama Filho**, 11(1), 23-35.
- Rossi, P., Bertazone, E. C., Ferreira, M. C. M., & Ignácio, R. A. (2000). Perfil dos professores que exercem papel de educador sexual em escolas da rede pública. In Gir E; Yazlle M E H D; Cassiani S H B; Caliri M H L; (Org.). **Sexualidade em temas**. Ribeirão Preto: FUNPEC-RP.
- Sayão, R. (1997). Saber a sexo? Os problemas da informação sexual e o pape da escola. In. Aquino, Julio Groppa. **Sexualidade na escola: Alternativa teórica e prática**. São Paulo: Summus.
- Schor, N., Ferreira, A. F., Pirotta, K. C. M., Machado, V. L., Tanaka, A. C. D. A., & Siqueira, A. A. F. (1996). Adolescência e anticoncepção: análise de discurso das adolescentes grávidas e purpúreas em relação à anticoncepção. **Revista Brasileira do crescimento e desenvolvimento humano**, 6, 77-86.
- Trindade, E., Bruns, M. A. T. (2003). **Sexualidade de jovens em tempos de AIDS**. Campinas: Átomo.

Recebido em: 14/03/2007

Received in: 03/14/2007

Aprovado em: 09/04/2007

Approved in: 04/09/2007